Perspectivas da pesquisa homeopática no Brasil

Gilberto L. Pozetti*

Publicado originalmente: *Revista de Homeopatia* 1981;150:31-36

Todo homeopata consciente tem hoje uma preocupação fundamental: desvendar o praticamente desconhecido mecanismo de ação do medicamento homeopático. Precisamos entender a sua ação. Precisamos comprovar – para os não homeopatas – a sua eficácia. Precisamos fornecer bases científicas para a interpretação do seu mecanismo de ação, não só para satisfazermos a nossa ânsia de melhor entendermos a homeopatia como um todo, mas também de conhecermos o medicamento, como parte, e ainda com a finalidade de nos munirmos com armas suficientes, quali e quantitativamente, a fim de evitarmos as campanhas desenvolvidas, vez por outra, pelos detratores da homeopatia que procuram destruí-la, impingindo-lhe rótulos tais como efeito placebo, efeito psicológico, não científica ou mesmo charlatanice.

Necessitamos aproveitar, em termos brasileiros, a fase de euforia de que estão possuídos todos os homeopatas patricios. Temos que evitar que, a curto prazo, da euforia passemos à calmaria e mesmo ao comodismo expectante. A hora azada é esta! Já se disse, através do cancionero popular: “esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer...” Achados científicos e tecnológicos tornam-se importantes, mais do que nunca, agora, já! Respostas estão sendo exigidas imediatamente; problemas inúmeros aguardam soluções técnicas e/ou científicas. Mas, as pesquisas mais importantes sob o ponto de vista da aplicação não levarão a nada se as mesmas não tiverem substrato básico adequado.

A busca de novos conhecimentos sobre a homeopatia e o medicamento homeopático urge seja uma realidade, realidade que possa ser transformada em maior possibilidade de sobrevida e maior bem estar do homem. A homeopatia, tal como outras áreas da atividade científica, não pode estar dividida em grupos, ela exige a soma de esforços intelectuais, envolvendo a busca não só de novos conhecimentos, mas também de compreensão; de compreensão pelos próprios homeopatas, que devem se reconhecer como minoria, compreensão pelas autoridades governamentais, que devem ver na homeopatia mais um aliado na luta da meta maior de qualquer nação, o bem estar do homem, através da melhoria das condições de saúde do povo, da maximização do conforto e do bem estar do ser humano. As autoridades deste país devem vê-la sob prismas reais, não como salvadora, mas como alternativa ou opção válida, por ser a mesma uma ciência aliada à técnica, por ter seus pilares de sustentação calcados em conhecimentos efetivamente científicos e não apenas hipotéticos ou meramente presumíveis.

Portanto, a inexistência ainda de explicações científicas concretas para muitos dados levantados através da aplicação da terapêutica homeopática é que tem impedido a sua aceitação plena, ampla e total em nosso meio e quiçá, em outros rincões. Esse é um obstáculo a ser vencido não pelo esforço isolado daqueles que têm condições de fazer pesquisa entre nós. O mesmo pode e deve ser vencido pela pesquisa interdisciplinar e interprofissional, congregando farmacêuticos, médicos, odontólogos, veterinários e outros profissionais ligados ou não diretamente à área da

* Farmacêutico, Doutor em Química Orgânica, professor adjunto de Química Orgânica, chefe do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química do Campus de Araraquara, UNESP. A transcrição segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

saúde, incluindo-se aqui aqueles voltados à pesquisa básica, pilar de sustentação da pesquisa aplicada. Nesse esforço de pesquisa conjunta, o importante não é apenas adaptar métodos e tecnologias implantadas em outros países, o importante é criar, é desenvolver, é encontrar caminhos próprios. Precisamos diminuir as distâncias que nos separam de outros países, também em termos de homeopatia e, nesse sentido, as universidades devem abrir as suas portas à pesquisa com fins homeopáticos.

A pesquisa homeopática deve sair das clínicas e dos consultórios, sem deles entretanto se desligar; deve ir para os laboratórios para que não fiquemos eternamente apenas em levantamentos estatísticos das possibilidades de emprego desse ou daquele medicamento, em tal ou qual dosagem, relativo a este ou àquele tipo de doente. Entendemos que não mais devemos ficar discutindo a validade do unicismo, do pluralismo, ou alternismo ou do complexismo. Devemos, isto sim, dá-lhes substrato, devemos dá-lhes bases suficientes para que possam ser utilizados cientificamente e corretamente. E isso só é possível através da pesquisa em laboratório, com o emprego de técnicas mais comuns e de técnicas mais atuais e avançadas. A ciência, como um todo, evoluiu e continua evoluindo. Por que a homeopatia tem que se ater apenas aos cânones da época do seu nascimento? Entendemos que todos nós queremos vê-la dinâmica, atual, mas sem pesquisa real, efetiva, reproduzível, pode haver presente para a homeopatia no Brasil e no mundo, mas não haverá, por certo, futuro! As ciências básicas e de aplicação evoluíram e estão aptas a fornecerem a homeopatia métodos que podem colocá-la no “*podium*”, que podem tirá-la do emaranhado estatístico, do relato, às vezes repetitivo e sem fim, de *n* casos de curas ou de alterações provocadas por este ou aquele medicamento dado em tais ou quais circunstâncias. Ainda hoje, permitam-me dizer, é esta a situação da homeopatia em nosso país. Não deixamos de creditar valor e mérito a tais levantamentos ou relatos, mas devemos passar a outra fase ou complementar a atual, tal como sucedeu na França há cerca de, nada menos, quarenta anos! Urge que tracemos programas de pesquisa (teórica, experimental e clínica), tal como se deu também naquele país. Alguns colegas já entenderam essa necessidade. *Eis, pois, uma perspectiva para a pesquisa homeopática no Brasil!*

Alguns pesquisadores, isoladamente em nosso país, começaram a mudar o enfoque pelo qual viam a homeopatia e iniciaram-se na pesquisa laboratorial, timidamente, mas começaram. Entretanto, a pesquisa científica em homeopatia no Brasil ainda é incipiente, subdesenvolvida, e em seus primeiros passos está procurando seguir as pegadas há muito deixadas pelos pesquisadores de outros países. Não existem projetos avançados; há projetos e há intenções, sim, há um grande trabalho de conscientização, mas há também muito teorismo e pouca objetividade ainda.

Na tentativa de fazer algo de novo, o Núcleo de Ribeirão Preto da Associação Paulista de Homeopatia vem, já no seu terceiro ano, promovendo reuniões de estudos, mensalmente, ao lado do Curso de Farmácia Homeopática (este no seu segundo ano), visando justamente a participação multidisciplinar e multiprofissional, reunindo diferentes profissionais da área da saúde (como farmacêuticos, médicos, odontólogos e veterinários), bem como acadêmicos das diferentes profissões aqui citadas, principalmente acadêmicos de farmácia, procurando estimular e incentivar a pesquisa homeopática no meio universitário brasileiro, para com isto obter dados experimentais que possam vir alicerçar de maneira mais sólida e dar suporte realmente científico às atividades homeopáticas desenvolvidas nas clínicas, nos laboratórios e farmácias especializadas. Os esforços desenvolvidos pelos profissionais empenhados em tal empreitada não têm sido em vão. Trabalhos experimentais originais de laboratório já começaram a vir à luz, envolvendo principalmente farmacêuticos ligados ao magistério superior, com resultados alentadores. E mesmo colegas que exercem a sua atividade dentro de suas farmácias iniciaram-se na pesquisa homeopática, havendo já resultados concretos de tal atividade.

Uma outra entidade, a Sociedade Brasileira de Homeopatia “Dr. Alberto Seabra”, vem promovendo nos últimos quatro anos o Concurso Nacional de Homeopatia, com dotação de prêmios aos melhores trabalhos nas áreas de farmácia, medicina, odontologia e veterinária, nas versões “profissional” e “acadêmico”.

Evidentemente, já se vislumbra uma perspectiva em termos de pesquisa homeopática em nosso país, estimulada por entidades como as anteriormente citadas.

Mas, se de um lado há sociedades e entidades interessadas, por um motivo ou por outro, na realização de trabalhos de pesquisa em termos de homeopatia, o que poderíamos dizer de órgãos oficiais ou das chamadas fundações de auxílio à pesquisa? Qual o apoio que é dado por tais agências patrocinadoras de pesquisa em nosso país? Por enquanto, nenhum. Acreditamos mesmo que os poucos pesquisadores que se atrevem a trabalhar nesse setor não se arriscam, no entanto, a solicitar o apoio de tais entidades, temerosos, talvez, da consequência de seus pedidos, temendo, até mesmo, que venham a ser desacreditados entre seus pares, justamente pela natureza da pesquisa que se propõem desenvolver, pois todos sabemos dos preconceitos que cercam a homeopatia e dos ares de misticismo com que muitos procuram envolvê-la.

Enquanto milhões de cruzeiros são carreados à pesquisa em outras áreas, principalmente a tecnológica, para a pesquisa em homeopatia não sobrem sequer centavos. Ainda, recentemente, fomos informados de que determinados setores do governo federal teriam interesse em patrocinar pesquisas na área homeopática. Sabemos que o CNPq está interessado, segundo seu presidente, o Prof. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, em estimular determinadas pesquisas voltadas para a área da saúde, “sensu latu”, envolvendo pesquisas em ciências básicas necessárias ao desenvolvimento da saúde pública e nem ciências biomédicas, visando o desenvolvimento e o aprimoramento do controle de qualidade de drogas e medicamentos. *Eis mais uma perspectiva para a pesquisa em homeopatia.* Lutemos para que a mesma possa ser incluída nos planos do CNPq, façamo-nos presentes juntos a esse órgão financiador de pesquisas no Brasil.

O prisma através do qual é vista a homeopatia em nosso país tende a mudar e, por certo, mudará, dependendo, é óbvio, do esforço que cada homeopata dispender na realização de trabalhos de pesquisa, no esforço que cada um dispender na formação de novos profissionais e de novos pesquisadores. Ao esforço e interesse individual, devem-se somar-se o trabalho e o interesse das associações e sociedades homeopáticas brasileiras. Engajamo-nos, pois, todos, farmacêuticos, médicos, odontólogos e veterinários, na arregimentação de colegas que trabalham e pesquisam nas áreas de toxicologia, farmacologia, patologia, microbiologia, imunologia, parasitologia, química, físico-química, farmacotécnica e tantas outras, para que todos entendam que a homeopatia não é uma terapêutica ultrapassada, de ontem, ou apenas de hoje, mas que é, sem dúvida, a terapêutica do futuro. Quem viver verá!

Vemos e sentimos no entusiasmo de muitos colegas militantes em diferentes áreas uma outra perspectiva no futuro da pesquisa homeopática no Brasil.

Mas, o que pode ser realizado em termos de pesquisa em nosso meio?

Por que não determinar a patogenesia de novas drogas, principalmente de origem vegetal, de que o Brasil é tão rico? Alguns poderão até responder: para que aumentar o arsenal terapêutico homeopático, já tão vasto, e que cobre a maioria dos problemas de saúde que afligem o homem?

Por que não pesquisar outras drogas, com o intuito, talvez, de substituir algumas que possam estar escasseando, ou sendo dizimadas pela poluição, ou para serem aplicadas em indivíduos que não correspondem exatamente àquele tipo genético a partir do qual Hahnemann e seus colaboradores determinaram a patogenesia? A flora brasileira está aí, rica, ainda abundante e praticamente desconhecida. O cerrado, as matas e florestas nativas estão aguardando o estudo de seus milhares de espécies, inúmeras delas usadas empiricamente pelo vulgo, inúmeras delas evitadas pelo leigo por seus efeitos tóxicos, muitas delas já estudadas, principalmente por farmacêuticos, sob o ponto de vista botânico, químico e biológico. Somos um país exuberante em famílias e espécies botânicas as mais diversas. Aqui são encontradas numerosíssimas espécies típicas de cerrado, de matas ciliares, de florestas, como em nenhum lugar do mundo. Todas elas têm uma ou mais funções a cumprir na natureza. Não foram aqui dispostas ao mero acaso. Temos, por exemplo, uma infindável quantidade de Compostas, ricas em alcaloides e lactonas biologicamente ativas, plantas tão complexas quimicamente quanto o são botanicamente e, por certo, também farmacologicamente. Aqui são encontradas Moráceas e Rutáceas ricas em cumarinas fotossensibilizantes, Solanáceas como fonte infindável de glicosídeos biologicamente ativos, Bignoniceas, Leguminosas, Apocináceas, e tantas outras famílias também ricas em princípios ativos e que têm aguçado a cobiça do pesquisador estrangeiro.

E quanto aos bioterápicos? O que dizer? Quanto há a fazer? Não se pode discutir ou duvidar da validade do emprego dos bioterápicos como meio eficaz de tratamento. Quem pode desconhecer o valor terapêutico de um *Medorrhinum*, de um *Colibacillinum*, de um *Psorinum*, *Staphylococcinum* ou *Streptococcinum*, entre tantos outros? O homeopata que já os empregou, ou costuma empregá-los, sabe muito bem do seu valor na clínica diária. Mas, quanto já foi pesquisado nesse campo do medicamento homeopático? Praticamente também pouco se faz no tangente à pesquisa de desenvolvimento de novos bioterápicos. Não existem, acreditamos, bioterápicos desenvolvidos, preparados e analisados para muitas das doenças infecciosas ou infecto-contagiosas que conhecemos. Nesse sentido, quanto já se pesquisou em relação às moléstias tropicais de que somos verdadeiros campeões?

Em odontologia, quantos processos infecciosos corriqueiros, no dia a dia da clínica especializada, estão sofrendo tratamentos não homeopáticos e até cirúrgicos que, possivelmente, poderiam ser resolvidos pelo emprego de bioterápicos adequados ao processo e ao paciente? Quantas recidivas poderiam ser evitadas?

E em veterinária, quantas são as possibilidades de emprego de tais medicamentos, principalmente se levarmos em conta a gama de diferentes raças animais, com as consequentes manifestações patológicas de cada uma delas?

Colocamos tantas interrogações propositadamente, isto porque sabemos que cada uma de por si pode se constituir em programação para desenvolvimento de pesquisa com bioterápicos. E, pelo pouco que sabemos e conhecemos, podemos antever nos mesmos mais do que simples perspectiva, podemos senti-los como a terapêutica do futuro!

Na realidade, pouco tem sido feito em nosso país em termos de pesquisa relativa a bioterápicos, quer em termos clínicos, quer em termos laboratoriais. Que nós saibamos, excluídas as experiências de laboratório recentíssimas de duas colegas farmacêuticas (ambas do Núcleo de Ribeirão preto) que ainda hoje as relatam, pouco ou nada mais foi realizado. As experimentações clínicas mais recentes foram aquelas realizadas com o *Meningococcinum* em uma comunidade do Vale do Paraíba, em 1974, numa campanha de imunização, tendo à frente o nosso saudoso Dr. David Castro, existindo também os trabalhos do Dr. Roberto Costa com os seus “nosódios vivos”.

O nosso interesse pode, e deve, ir além, estabelecendo métodos de análise e controle não só para as novas drogas como também para aquelas há muito utilizadas em homeopatia. Há imensa possibilidade de se implantar uma metodologia mais atual, lançando mão de métodos cromatográficos, espectrométricos, radioquímicos, farmacológicos e outros, em que especialmente os farmacêuticos têm formação adequada. O estímulo, o despertar do farmacêutico com vivência em laboratório, bem como de outros profissionais, para a pesquisa em homeopatia já começa a ocorrer. *Eis, portanto, mais uma perspectiva alentadora!*

Paralelamente às perspectivas de abertura de inúmeras frentes de pesquisa homeopática, caracterizados, principalmente, pela resistência de determinados setores universitários em franquearem os seus laboratórios para a realização das mesmas: é o preconceito e é o desconhecimento, impedindo o desenvolvimento da ciência! Outro obstáculo é constituído pela ausência quase que completa de literatura especializada no setor, é a ausência de “abstracts”, através dos quais possam ser feitos os levantamentos bibliográficos necessários. Somam-se a esses fatores, a ausência de verbas essenciais ao financiamento das pesquisas.

Talvez parte desses problemas pudessem ser resolvidos, se se criasse, sob a forma de uma fundação, uma entidade nacional, que financiasse as pesquisas ou, no mínimo, um centro de documentação homeopáticas, com a ajuda do qual os pesquisadores pudessem ter acesso fácil à bibliografia especializada. O centro de documentação poderia ser estruturado nos moldes do CEDH (Centro de Estudos e Documentação Homeopática da França), talvez um colaborador. Outra alternativa seria a doação de livros e revistas especializadas a bibliotecas das faculdades de farmácia, medicina, odontologia e veterinária.

Como conseguir fundos para a criação do centro de documentação homeopática ou para a constituição da fundação? Acreditamos que a resposta deva estar com os laboratórios homeopáticos brasileiros, os quais devem ser direta ou indiretamente, por motivos óbvios, interessados na realização das pesquisas que visem o fortalecimento da homeopatia em nosso país. Que os seus diretores vejam o exemplo dado pela França. Lançamos, pois, aqui, o desafio aos mesmos. Aqueles efetivamente interessados na afirmação da homeopatia, e não apenas nos seus aspectos comerciais, que se habilitem, que mostrem agora por quê e para quê vieram! Que somem seus esforços ao trabalho dos farmacêuticos, médicos, odontólogos e veterinários homeopatas, ou de outros pesquisadores, possibilitando a abertura total, ampla e sem limites dos horizontes homeopáticos no país, fazendo com que o que se nos acena apenas como perspectiva seja transformado em realidade!